

Jules Verne

# Viagem ao Centro da Terra

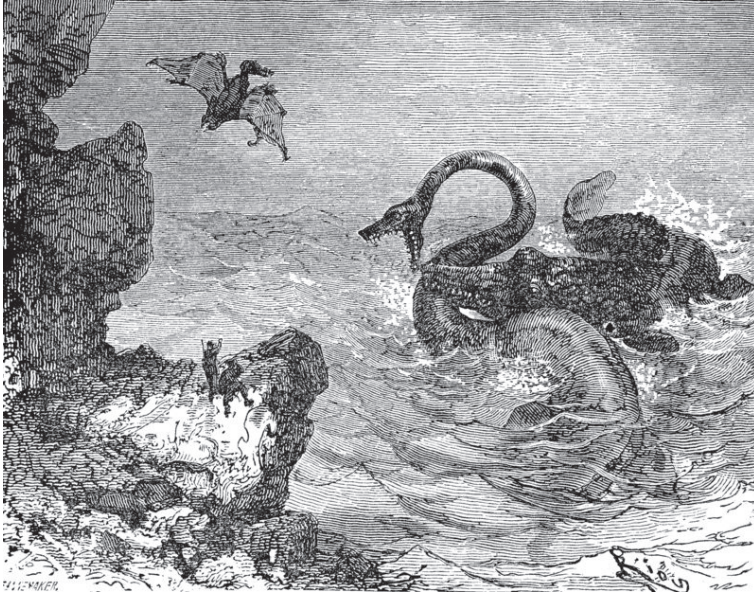
Tradução de  
Maria Matta Antunes

Ilustrações de  
Édouard Riou



Viagens





## I

No dia 24 de maio de 1863, um domingo, o meu tio, o professor Lidenbrock, apressou-se a regressar à sua pequena casa situada no número 19 da Königstrasse, uma das mais antigas ruas do bairro velho de Hamburgo.

A boa Marthe deve ter pensado que estava muito atrasada, pois o jantar mal começara a ferver no fogão da cozinha.

«Bem — pensei —, se tiver fome, o meu tio, que é o mais impaciente dos homens, irá bradar aos céus.»

— O senhor Lidenbrock, já! — gritou a boa Marthe, estupefacta, entreabrindo a porta da sala de jantar.

— Sim, Marthe, mas o jantar não precisa de estar pronto já, pois ainda não são duas. Acabou de dar a meia-hora em São Miguel.

— Então porque volta o senhor Lidenbrock?  
— Irá dizê-lo certamente.  
— Aqui vem ele! Eu vou fugir, senhor Axel, o senhor há de o chamar à razão.

E a boa Marthe regressou ao seu laboratório culinário.

Fiquei sozinho. Mas chamar à razão o mais irascível dos professores era o que o meu caráter um tanto indeciso não me permitia. Preparava-me então para voltar prudentemente ao meu quartinho lá em cima, quando os gonzos da porta da rua rangeram, aqueles grandes pés fizeram estalar a escada de madeira e o dono da casa, atravessando a sala de jantar, se precipitou para o seu gabinete de trabalho.

Mas, durante esta rápida passagem, atirara para um canto a bengala com castão de quebra-nozes, para a mesa o grande chapéu de pelos arrepiados e, disse ao sobrinho, estas estrondosas palavras:

— Axel, vem comigo!

Nem tivera tempo de me mexer e já o professor me gritava com um vivo tom de impaciência:

— Então, ainda não estás cá?

Saltei para o gabinete do meu temível mestre.

Otto Lidenbrock não era um homem mau, devo admiti-lo, mas, a menos que ocorressem mudanças improváveis, morreria na pele de um tremendo excêntrico.

Era professor no Johannæum e dava um curso de mineralogia em cujas aulas costumava encolerizar-se uma ou duas vezes. Não que se preocupasse com a assiduidade dos alunos, nem com o grau de atenção que lhe votavam, nem com o sucesso que pudessem vir a ter; estes pormenores pouco o inquietavam. Lecionava «subjetivamente», segundo uma expressão da filosofia alemã, para ele e não para os outros. Era um sábio egoísta, um poço de conhecimento cuja roldana chiava quando se queria tirar alguma coisa: um avarento, numa palavra.

Há alguns professores deste género na Alemanha.

O meu tio, infelizmente, não gozava de grande facilidade de pronúncia, se não na intimidade, ao menos quando falava em público, o que é um defeito lamentável num orador. Com efeito, nas suas demonstrações no Johannæum, o professor interrompia-se bruscamente com frequência; lutava com uma palavra recalcitrante que não queria atravessar os seus lábios, uma dessas palavras que resistem, incham e acabam por sair com a forma pouco científica de um palavrão. E, então, ficava furioso.

Ora bem, na mineralogia existem não poucas denominações semigregas, semilatinas, difíceis de pronunciar, nomes rudes que arranhariam os lábios de um poeta. Não quero dizer mal desta ciência. Longe disso. Mas quando nos encontramos diante de cristalizações romboédricas, resinas retinasfálticas, gehlenites, fangasites, molibdatos de chumbo, tungstos de manganês e titanatos de zircónio, até a língua mais hábil tem direito a atrapalhar-se.

Portanto, na cidade conheciam esta perdoável incapacidade do meu tio, abusavam dela e ficavam à sua espera nas passagens perigosas; e ele enfurecia-se, e as pessoas riam, o que não é de bom gosto, nem sequer para os alemães. E se as aulas de Lidenbrock eram sempre muito concorridas, quantos o seguiam assiduamente apenas para se divertirem com as grandes zangas do professor!

Seja como for, o meu tio, nunca o direi bastantes vezes, era um verdadeiro sábio. Embora por vezes quebrasse as amostras nos seus ensaios bruscos de mais, ao seu génio de geólogo juntava-se o olhar do mineralogista. Com o martelo, a ponta de aço, a agulha magnetizada, o maçarico e o frasco de ácido nítrico, era um homem muito dotado. Pela fratura, pelo aspeto, pela dureza, pela fusibilidade, pelo som, pelo odor, pelo sabor de um mineral qualquer, classificava-o sem hesitar entre as seiscentas espécies que a ciência conta atualmente.

Assim, o nome de Lidenbrock ecoava honrosamente nos liceus e associações nacionais. O senhor Humphry Davy, de Humboldt, e os capitães Franklin e Sabine fizeram questão de o visitar à sua passagem por Hamburgo. Os senhores Becquerel, Ebelmen, Brewster, Dumas, Milne-Edwards e Sainte-Claire-Deville gostavam de o consultar sobre as questões mais palpitantes da química. Esta ciência devia-lhe algumas belas descobertas, e, em 1853, fora publicado em Leipzig um *Tratado de cristalografia transcendente*, pelo professor Otto Lidenbrock, grande in-fólio com gravuras, que, contudo, não chegou para pagar as despesas.

Para além disto, o meu tio era conservador do museu mineralógico do senhor Struve, embaixador da Rússia, uma preciosa coleção de renome europeu.

Era esta a personagem que me interpelava com tanta impaciência. Imaginem um homem alto, magro, com uma saúde de ferro e um louro juvenil que tirava uns bons dez anos aos seus cinquenta. Os seus olhos grandes reviravam-se constantemente por trás de uns óculos consideráveis; o nariz, comprido e fino, parecia uma lâmina afiada; as más-línguas até diziam que era magnético e atraía limalha de ferro. Pura calúnia: só atraía tabaco, mas em grande abundância, para dizer a verdade.

Quanto a isto, é de acrescentar que o meu tio dava pernadas matemáticas de meia toesa; e se disser que, ao andar, mantinha os punhos solidamente fechados, sinal de um temperamento impetuoso, já se saberá dele o suficiente para não se ansiar pela sua companhia.

Morava na sua casinha da Königstrasse, uma casa meio de madeira, meio de tijolo, de frontão recortado; dava para um desses canais sinuosos que se cruzam no meio do mais antigo bairro de Hamburgo que o incêndio de 1842 felizmente respeitou.

A velha casa estava um pouco inclinada, verdade seja dita, e estendia a barriga aos transeuntes; o teto também estava à banda como o chapéu de um estudante da Tugendbund; o aprumo das suas



Otto Lidenbrock era um homem alto, magro.